



ANDRÉIA DELMASCHIO

“Luto todos os dias contra as imposições de um mundo que quer nos enclausurar no universo do trabalho, ao mesmo tempo que nos distrai de toda tarefa mais lúdica e lenta, que exija tempo, dedicação, algum grau de recolhimento e mesmo de solidão, como é a escrita”.

Andréia Delmaschio nasceu em Vitória, onde vive e desenvolve uma obra que já se compõe de vários volumes de crítica, conto, crônica e prosa infanto-juvenil. Desde 1994 trabalha como professora de Literatura em Língua Portuguesa do Instituto Federal do Espírito Santo, atuando no curso de Graduação e no Mestrado Profissional em Letras.

A conversa a seguir ocorreu em março de 2017, no âmbito do projeto “Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas”, coordenado pelo entrevistador, **Vitor Cei**,* e desenvolvido por pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) e Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Andréia reflete sobre seu processo criativo, discute o problema do machismo, alerta para o sucateamento da educação, comenta as dificuldades na formação de

* Professor adjunto do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

leitores, avalia a recepção de sua obra e compartilha outras reflexões éticas e estéticas, tanto sobre a literatura brasileira contemporânea quanto acerca do quadro político e cultural da atualidade.

Vitor Cei – *Cada escritora possui um modus operandi, por assim dizer... Fale um pouco sobre seu processo criativo. Houve um momento inaugural ou o caminho se fez gradualmente? Em que momento da vida você se percebeu escritora?*

Andréia Delmaschio – Meu *modus operandi* é aproveitar todo o tempo livre que tiver para escrever, no miolo da rotina com aulas e filhos e afins. Daí resulta que raramente consigo trabalhar num texto por muitas horas seguidas, sem interrupção, quase sempre tendo de anotar ideias nos cantos de papel ou mesmo ditar trechos inteiros ao gravador do celular. Não acredito que ter muito mais tempo livre me trouxesse, automaticamente, melhores condições de escrita, porque a parte técnica do trabalho demanda, sim, reescrita, reestruturação, reelaboração, mas ela se alimenta da vida, então a situação de quem escreve é, até certo ponto, paradoxal. É claro que as experiências também demandam uma reelaboração, mas esta não se faz somente de olho na letra do texto. De modo geral, já me adaptei a essa vida de escrever mentalmente enquanto dirijo e de aproveitar as madrugadas de insônia diante do PC. A verdade é que, hoje, ou é assim ou é de modo nenhum, e ficar sem escrever nunca me passou pela cabeça. Como tenho sido, até agora, eminentemente cronista e contista, não me é impossível ir planejando, esboçando, registrando e revisando, aos poucos e sempre.

Quanto à outra pergunta, aos nove anos tive pela primeira vez a certeza de ter escrito algo diferente das cartas que minha mãe me ditava para os parentes distantes, e que invariavelmente se iniciavam com “Saudações a todos”, e das redações obrigatórias das aulas de Língua Portuguesa. O texto que escrevi era algo

que imaginava que meus colegas gostariam de ler. Era um conto de ficção científica intitulado “O dia em que a gravidade acabou na Terra”, de exatas onze páginas datilografadas (lembro que os últimos parágrafos saíram em vermelho, porque o lado preto da fita tinha acabado). Meu pai tinha recebido a velha máquina de escrever como pagamento de uma dívida. Era daquelas cujas teclas exigiam muita força nos dedos – ou então ela já estava meio enferrujada pela falta de uso, não sei. Para mim ela era como um baú do tesouro, era meu *playground*. Numa metáfora que faz mais sentido para as crianças de hoje, aquela máquina de escrever era meu Xbox. Não devia ter deixado que aquela história se perdesse vida afora. Imagine que peça curiosa ela não seria hoje! Acontece que, desde aquela época, já tinha o hábito de queimar originais. Até hoje conservo essa mania, apago diligentemente todos os rastros deixados até a publicação de um texto.

Quando dei por terminado o trabalho, os meus dedos brancos de menina magrinha doíam, mas foi assim que, em minha cabeça, começou a se formar a noção de literatura. Melhor dizendo: a ideia de que também podia escrever, o que significa muito, muito mais do que se pode imaginar, para uma criança educada por pais não alfabetizados, ex-agricultores empurrados para as palafitas dos subúrbios de uma cidade toda ela suburbana, e em pleno domínio da ditadura militar no Brasil. Nessa época já tinha acesso aos clássicos que os meus irmãos mais velhos apanhavam emprestados na biblioteca do ginásio. Quando li *Dom Casmurro* e *O tronco do ipê*, percebi que eu mesma não vinha fazendo um grande trabalho (risos), mas isso não me inibiu. Pelo contrário: começava a ter consciência do que significava a passagem do tempo, no que toca à escrita. Esse

foi um momento inaugural para mim, bem na intimidade de minha relação com as letras. No mais, o caminho continua, desde então, se fazendo, gradualmente. Quando surgir um último degrau (não no sentido de um desenvolvimento qualitativo, porque não creio nessa curva inequívoca na prática da escrita, mas na vida mesmo), então será a hora de entornar tudo de volta para adubar a terra.

Vitor – *O que mudou na (e para a) literatura depois da internet? No caso de seu Aboio de Fantasmas (SECULT, 2014), qual é a relação do blog com o livro?*

Andréia – Penso que só com um tempo maior de afastamento vamos poder avaliar de fato a transformação que a internet tem representado, nessas últimas décadas, para as artes em geral e para a literatura especificamente, sem falar nas mudanças em outros campos de interesse para a humanidade. Estamos presos a este tempo – que já vai longe, é verdade – cuja superação só se pode considerar por meio de uma verdadeira mudança de paradigma. Assim, não temos como considerar, compreender e avaliar o que se passa de fato – no entanto estamos aqui, dando nossa contribuição. De todo modo, no caso de quem escreve ficção (uso o termo no sentido geral de criação ficcional, texto literário em prosa), o que percebo de mais impactante é o fato de podermos publicar um texto imediatamente após a escrita – ou mesmo concomitantemente a ela, a depender do caso. Isso significa poder ter uma resposta também imediata. Por um lado, cria-se uma aceleração estimulante no tempo do processo que vai da escrita à leitura, o que pode significar aumento da demanda, incremento

na discussão das ideias e, inclusive, ampliação do desejo de continuar produzindo, por parte do escritor. No entanto, trata-se de uma faca de dois gumes, porque está claro que escrever mais e mais rápido vai interferir diretamente nos modos de reflexão e de expressão, como declarei anteriormente sobre as condicionantes de meu próprio processo de escrita. Todavia, não é um processo que se deva refrear, é claro, porque é o que há, é o que pode ser neste tempo em que vivemos.

O blog *Aboio de Fantasmas*, que inaugurei há quase dez anos, surgiu justamente da necessidade que tive, num período de grande turbulência em minha vida pessoal, de dar a ler com rapidez, e justo porque necessitava de estímulo para continuar escrevendo. Assim, o criei como um blog de crônicas, que com o tempo foi assumindo novas facetas, mas todas elas dentro do campo literário, como a poesia e a novela dividida em capítulos. O *Aboio* chegou a ser bastante acessado, na época em que eu postava diariamente, e foi justamente a aceitação do público que me deu a ideia de, posteriormente, publicar algumas daquelas crônicas no papel. Daí resultou o *Aboio de fantasmas*, meu segundo livro de crônicas [o primeiro foi *Mortos Vivos*, de 2008].

Vitor – *A autoficção (gênero que se tornou uma forte tendência na literatura contemporânea) é um elemento bastante presente em seus livros. Tanto Aboio de fantasmas (2014), narrado em primeira pessoa, quanto Tem uma lua na minha janela (SECULT, 2015), que apresenta diálogos entre seus filhos gêmeos Francisco e Flora, embaralham as categorias de biografia e ficção. Como você lida com a fronteira entre a ficção e a realidade?*

Andréia – Esta pergunta é excelente e muito difícil de responder, porque o caso talvez não seja exatamente de lidar com essas fronteiras que você nomeia, mas antes de perguntar-se se elas de fato existem. Mais: se elas existem, por que é que as criamos e mantemos? Por que sentimos necessidade dessas delimitações? Também não sei responder, mas penso que reelaborar o vivido, para falar de um modo bastante simples de uma operação que de simples não tem nada, é uma necessidade que todos temos. Como diz Antonio Candido, em “O direito à literatura”, todo ser humano sente a necessidade de fabular. Alguns fazem fofoca, mentem sobre os acontecimentos que vivenciam no dia a dia, para se vangloriar ou despertar a piedade dos demais; outros produzem memes, piadas, e assim por diante. Dessa mesma necessidade de reelaboração das experiências felizes ou dolorosas surgem os escritores. Os puristas não vão aceitar o que direi a seguir, mas não vejo uma diferença radical entre um modo de fabulação e outro. Vejo, sim, a diferença que existe na elaboração, no estilo ou como queiram chamar, que se baseia, entre outros elementos, no tempo dedicado ao trabalho de escrita, num certo cultivo da sensibilidade e no domínio, mais ou menos vasto, dos materiais que constituem o idioma. Este último elemento, que, a longo prazo, resulta da prática daqueles outros dois, talvez seja o principal, mas sozinho não será suficiente para que alguém escreva uma obra de interesse.

Não se deve, contudo, esquecer que, no fundo, há sempre uma base material que envolve e condiciona escritor e escrita. Trata-se de um trabalho a cujo desenvolvimento nem sempre são ofertadas as condições mínimas. Por outro lado, condições máximas, digamos assim, muitas vezes minam, paradoxalmente, algumas das fontes

de reflexão que podem funcionar como motor da escrita. É o caso das experiências dolorosas, a que me referi acima. Esse pensamento me faz retornar à primeira pergunta que você me fez, sobre *modus operandi*... Se o maior problema do homem é ele mesmo, há uma parcela de experiências que não pode ser sufocada por quem escreve. Toda fantasia necessita, em menor ou maior grau, dos materiais e ferramentas conhecidos e palpáveis. Que base maior pode haver, para a criação literária, que a experiência do próprio escritor?

E aí você me pergunta sobre minha autoficção... Como costuma acontecer, no início não sabia que estava fazendo autoficção; só fazia. Wilberth Salgueiro, na apresentação de *Aboio de fantasmas*, denomina-o “livro de memórias”, o que de fato é, e não é. Pode-se muito bem escrever sobre uma estada em Marte sem que se tenha estado lá; não, contudo, sem que se tenha realizado uma pesquisa com o material escrito sobre Marte ou, mais importante: sem que se conheça muito bem um outro lugar qualquer, cujas idiossincrasias se possa aproveitar numa reelaboração escrita em que aparecerá, ao final, um lugar que será denominado “Marte”. Algum nível de experiência é preciso que se tenha, o que não significa que tenha de se tratar, inequivocamente, de uma experiência de nível físico ou sensorial. Creio que é possível escrever bons livros apenas com base na leitura de bons livros. Isso também é experiência. Porém, de um modo geral, tendo a acreditar que tanto mais interessante para outros humanos se torna um texto literário quanto mais experimentador em todos os sentidos (físico, pessoal e como leitor) for aquele que escreve. Aqui já caminhamos para um terreno de nuances muito sutis, que demandam uma exemplificação mais farta.

O que acontece no *Aboio de fantasmas*, tanto quanto em meu terceiro livro de crônicas, intitulado *Tem uma lua na minha janela*, é esse aproveitamento de um conjunto de experiências de observação e memória: físicas, psíquicas, sensórias, emotivas e também literárias (os jogos intertextuais estão presentes todo o tempo, de modo consciente ou não). Já o *Tem uma lua* é resultado de uma experiência que ainda me fascina, e que, para mim, é perene. Trata-se da reelaboração, em pequenas crônicas, de diálogos com crianças e entre elas, uma fonte inesgotável de poesia e de questionamentos sobre o ser. É um livro acerca do qual colho sempre respostas muito positivas. As pessoas se sentem estimuladas inclusive a fazer o mesmo tipo de registro, atentando mais para a conversa dos pequenos, em que habitam o poeta e o filósofo, experiência que vimos perdendo pelo caminho.

Vitor – *Como você define sua obra?*

Andréia – Labuto diariamente com o material expressivo de que disponho, tentando ampliá-lo na medida do possível, e luto todos os dias, também, contra as imposições de um mundo que quer nos enclausurar no universo do trabalho, ao mesmo tempo que nos distrai de toda tarefa mais lúdica e lenta, que exija tempo, dedicação, algum grau de recolhimento e mesmo de solidão, como é a escrita. Minha produção é o resultado possível dessa luta e dessa labuta. Hoje não conseguiria defini-la de outro modo.

Vitor – *Como você vê a recepção de sua obra?*

Andréia – A recepção é um caso complicado de se avaliar. Raramente alguém diz “não gostei de seu livro”, não é mesmo? E tem um outro aspecto: à exceção dos livros de crítica literária, que são originariamente minha dissertação de mestrado e tese de doutorado, publicados respectivamente em São Paulo e no Rio de Janeiro (*Entre o palco e o porão*, Annablume, 2004 e *A máquina de escrita (de) Chico Buarque*, 7Letras, 2014), meus demais livros (biografias, contos e crônicas) foram todos publicados em Vitória – ES. Os três livros de crônicas foram contemplados com o Prêmio Secult, um importante meio de publicação para quem vive no Espírito Santo. Contudo, a circulação dessa produção, que é anual, acaba ficando restrita ao próprio estado, devido à ausência de divulgação e distribuição fora daqui.

Considerada essa dificuldade de circulação, em geral fico muito contente em colher comentários de leitores de círculos variados... Como leciono na graduação e no mestrado de Letras, acabo tendo um público interessado, e de certo modo especializado, que lê, comenta, recomenda... Fora desse pequeno universo privilegiado de leitores, é sempre uma surpresa feliz conhecer alguém que leu e foi marcado por um texto meu. Além disso, jamais recuso os convites para participar de círculos de leitura de textos meus, para dar palestras, oficinas ou bater papo com alunos de quaisquer níveis de escolaridade. Desse modo, tento auxiliar na ampliação dos modos de recepção.

Vitor – *O que você está escrevendo no momento?*

Andréia – Acabo de ser contemplada com o prêmio Secult-ES para publicação de um livro infanto-juvenil [*Nas águas de Lia*, 2018]. É minha

estrela nessa seara, embora os personagens e narradores que com mais afeto alentei, em minha ficção, tenham sido sempre crianças.

Até o final do ano, pretendo finalizar um romance em que venho trabalhando no *modus operandi* “formiga” há alguns anos. Penso que essa primeira narrativa de maior fôlego seja mais inequivocamente aquilo a que se chama autoficção, e tem me dado muito trabalho, tanto pela constante reescrita que o texto me solicita, quanto pelo fato de envolver eventos e pessoas que tenho que retirar daquele planeta imaginário, de que falei antes, para conduzi-los até um planeta real, na narrativa. Ou será o contrário?

Vitor – *Quais os principais desafios para a edição de novos escritores no Brasil de hoje?*

Andréia – Por um lado, os tentáculos de um mercado viciado e, aparentemente, inflado – mas que é sempre um mercado. Onde a palavra-chave é lucro, a preocupação com a elevação dos níveis de produção só interessa na medida em que a demanda exija isso. Eu mesma, por razões ideológicas, não me furto a reconhecer em meu trabalho de escrita o fato de ele ser um produto – mas ele pode ser um produto que se faz meramente para vender, somente para lucrar... ou não. Se um escritor publica um texto que corresponde aos seus anseios e ainda por cima consegue viver desse trabalho, está mais que certo. Afinal, vivemos numa sociedade capitalista. O problema que vejo é reduzir-se a literatura a um produto como outro qualquer. Com isso já não concordo. Apenas de um determinado ponto de vista a escrita é um trabalho como os demais. Considerada a recepção e outros elementos que a envolvem, temos de levar em

conta também uma certa especificidade que faz da arte um produto diferencial. É uma dimensão que seria lamentável que se perdesse completamente. Porém, se há hoje claros sintomas dessa produção viciada, que traz em seu rastro, entre outros “fenômenos”, o do autor como celebridade, suspeito que o descaso com a educação, no Brasil, seja uma das razões, porque afinal a preparação de leitores passa por aí.

Por outro lado, percebo uma crise do que e do como dizer, provavelmente também resultante, ao longo do tempo, desse contexto de sucateamento da educação, mas cujas origens têm de ser estudadas de modo mais detido. Qualquer afirmação sobre isso feita durante uma curta entrevista seria leviana. Dos resultados dessa crise, porém, falo como alguém que tem participado, nos últimos anos, de bancas de avaliação de contos, romances e livros infanto-juvenis para publicação em prêmios de abrangência nacional.

Vitor – *O que você acha dos escritores brasileiros contemporâneos? Ou, afastando a pergunta de nomes específicos, para pensar a poesia brasileira atual como um todo: o que você vê?*

Andréia – Do mesmo modo que acontece com a prosa, na poesia brasileira atual também há muita gente escrevendo sem publicar, enquanto há outros que, ao contrário, seria melhor que não publicassem e dedicassem, talvez, um tempo maior à maturação da própria escrita. Ocorrem fatos muito curiosos nessa área, como pessoas “publicando-se” praticamente sem escrever. Imagine que até o presidente ilegítimo (Michel Temer) se condecorou poeta, com

uns versos que dão até vergonha. Amo a poesia, mas é um território em que a ilusão, melhor dizendo, o delírio de simplicidade que o formato verso oferece faz com que algumas pessoas se enganem muito. Nada tenho contra cada um escrever o que quiser, como quiser, onde quiser... Mas aí também vou reafirmar meu direito de leitora: não gosto de perder tempo com pós-neo-parnasianos, a pieguice romântica me entedia e a autoajuda em versos me irrita do mesmo modo que poetas natimortos, incensados nas fraldas, e egos maiores que as obras. Tenho, por outro lado, conhecido muita coisa boa, principalmente poetas mulheres apresentadas a mim por amigos e por meus jovens alunos através da internet. Algumas dessas poetas são letristas de bandas que fazem um belo trabalho com o verso, acompanhado ou não de instrumentos musicais.

Vitor – *Você considera importante que uma professora de literatura também seja escritora?*

Andréia – De modo algum. São tarefas muito distintas. A um professor é indispensável conhecer aquilo que ensina. Entretanto, no caso da literatura, abranger essa produção na totalidade é uma tarefa impossível, por razões óbvias de amplitude do universo já existente, além da constante renovação da produção – mesmo que se considere apenas o cânone de um determinado país ou idioma. Para além disso, conhecer não é a única tarefa de um professor de literatura, que se desdobra em crítico e – creio estar aí seu papel principal – em pedagogo: saber acolher, criar empatia para poder conduzir e orientar e assim despertar o interesse do aluno pela literatura – é isso o que diferencia, no fundo, um professor de um

mero sabedor e reproduzidor de conteúdos. Juntamente com isso, eu destacaria a capacidade de leitura crítica de texto e de mundo, algo que também não basta que o professor exercite, mas que é fundamental que mostre aos seus alunos como fazer. Sem isso, o professor será antes um replicador de ideologias, perigo a que, de verdade, nunca escapamos completamente, mas contra o qual o embate deve ser diário.

Quanto a escrever, sinto que quem escreve experimenta um outro lado da textualidade, que pode até abrir possibilidades de um entendimento maior de certas instâncias da escrita. Porém, fazer com que isso reverta em ganhos para uma turma de educandos não creio que seja um caminho inequívoco. Alterando um pouco sua pergunta, posso inclusive formular uma outra, que parece ter uma resposta mais fácil: um escritor será melhor professor de produção de texto que um professor que não escreve? Não obrigatoriamente. Alguns relatos que tenho colhido mostram o contrário. E pelas mesmas razões que aleguei antes, sobre os traços que acredito que deve ter um bom professor.

Vitor – *Você percebe de imediato aqueles alunos que têm talento para escrever e podem se tornar escritores?*

Andréia – Um professor, em qualquer nível da educação, costuma conviver com os alunos durante anos. Se ele não estiver ali somente aguardando a hora de ir embora ou a data da aposentadoria (esse termo antiquado no Brasil pós-golpe), decerto consegue perceber muita coisa. Percebe-se quando um aluno tem uma vida tão conturbada que dificilmente algo que você diga em aula oferece

a ele um antídoto, ainda que temporário. Percebe-se também, ao contrário, quando aqueles momentos que ele passa ali, podendo fruir uma arte, que é a literatura, talvez sejam o refúgio necessário a um cotidiano repleto de impedimentos e tribulações difíceis de imaginar, mesmo para uma mente criativa. Às vezes a gente erra na percepção, também. Para o bem e para o mal.

Em meio a isso tudo, desde que a oportunidade de contato e elaboração de uma escrita criativa lhes seja dada, muitos alunos terão sua iniciação na escrita literária nas aulas de Língua Portuguesa – não tenho a menor dúvida. Devemos apenas ter cuidado para, no rastro de um talento que se revela, não nos esquecermos de que o nosso papel, como professores, não é o de descobrir futuros talentos para a literatura, mas o de auxiliar e incentivar os pequenos talentos de superação das dificuldades básicas com o aprendizado, que a maioria dos alunos traz. É por esses alunos, mais que tudo, que trabalhamos. Me sinto infinitamente mais realizada quando percebo uma pequena melhora naquele que traz grandes dificuldades do que quando noto em sala um aluno promissor. Estes necessitam um pouco menos do professor que há em nós. Ambas as situações são perceptíveis com muita frequência na vida de quem já leciona há quase trinta anos, como é meu caso.

Vitor – *Historicamente, presenciamos um silenciamento da voz da mulher. Como o machismo presente na sociedade brasileira afeta sua escrita?*

Andréia – O verbo afetar foi muito bem escolhido para esta pergunta. Quero entendê-lo aqui em suas diversas acepções, para poder formular minha resposta.

O fato de vivermos em uma sociedade machista afeta a mulher desde seu nascimento, quando ela começa a ser tornada mulher. Ser cobrada no sentido da assunção daquilo que a sociedade determina que deve compor esse papel e enredada na infinita rede de idiosincrasias que o compõem no imaginário dos homens (e das mulheres) numa sociedade assim já é um peso demasiado grande. Daí decorre a série de injustiças e violências, de todos os tipos imagináveis, a que nós, mulheres, somos submetidas cotidianamente, em todas as instâncias e cenários sociais, com agravo para as mulheres negras, as mulheres pobres e as homoafetivas.

Poderia falar sobre isso durante horas e não esgotaria o rol de exemplos de situações discriminatórias com que me deparo no dia a dia, e que afetam a mim ou às mulheres com as quais convivo. Porém, nesta ocasião gostaria de destacar um aspecto específico, que sua pergunta tangencia: assim como acontece nas demais áreas de atuação, também na literatura, é claro, é preciso matar um leão por dia.

Primeiro porque escrita é pensamento, e a parcela mais tacanha da nossa sociedade continua esperando da mulher que ela pense diferente do homem em vários aspectos, para dizer o mínimo. Daí resulta que parte do público leitor se encaminhe para os textos escritos por mulheres esperando encontrar algo como o que se chamou, um dia, a “escrita feminina”, ou o tal “universo feminino” – esse país não constava de meu Atlas.

Para piorar, muitas mulheres, por razões as mais diversas, ajudam a compor o painel opressor sobre outras mulheres mais ativas, sobre aquelas que não se submetem às normas patriarcais (que

em tudo coincidem – quanta coincidência! – com as imposições do mercado, aquelas feitas pelo universo da moda, por exemplo, que dita comportamentos e modos de consumo etc.).

Além do mercado, têm um papel muito importante na reprodução desse esquema repressor as religiões em geral, em especial as de expressão fundamentalista, e a escola.

Justo a escola, que poderia ser o lugar de uma educação libertadora, sendo um tentáculo do estado ou do mercado, além de receber, direta ou indiretamente, a influência das religiões dominantes, é sexista e, obviamente, reproduz a sociedade machista em que nos debatemos aqui fora. Num país como o nosso, as escolas em geral ensinam às crianças, desde a mais tenra idade, que há universos e papéis reciprocamente excludentes para homens e mulheres. E isso segue assim por todos os níveis da educação.

Vou dar apenas alguns singelos exemplos do que observo no cotidiano dos meus filhos: a escola adota uniformes diferenciados para meninas e meninos; meninas e meninos seguem em filas diferentes (já é bastante impressionante que em algumas escolas ainda sigam em filas, hasteiem a bandeira e cantem o hino nacional!) no deslocamento entre os espaços dentro da escola. Apenas mais um detalhe, para não alongar muito esta resposta: os pais dos coleguinhas dos meus filhos, quando dão festas de aniversário, convidam apenas os meninos para as festas dos meninos (que costumam ser um jogo de futebol) e apenas as meninas para as festas das meninas (que costumam ser decoradas, em cor de rosa, com a inovadora temática da princesa).

Assim sendo, se você me pergunta como o machismo afeta minha escrita, tenho de responder que o machismo afeta, deturpa, estraga

e diminui a vida das mulheres. Se a escrita passa pela vivência, então ela deve carregar as marcas de todo esse histórico de opressão, nas suas formas e nos seus conteúdos.

Faço só mais este adendo sobre o assunto: a professora Maria Amélia Dalvi (UFES) tem realizado uma importante pesquisa sobre a presença feminina em um certo âmbito da literatura, que é a crítica literária acadêmica. Analisando o número de mulheres e homens ingressantes nos programas de pós-graduação em Letras da universidade em que atua e comparando-o com o objeto de estudo escolhido (obras de autores ou de autoras), a pesquisadora concluiu que mesmo as pesquisadoras mulheres, que são maioria nos cursos de mestrado e doutorado, demonstram pouco interesse pela literatura feita por mulheres, sejam estas últimas brasileiras ou estrangeiras, clássicas ou contemporâneas, incluídas ou não nos cânones correntes.

Enfim, a luta é constante e seu território é vasto...

Vitor – *Atualmente, no Brasil e no exterior, vivemos a ascensão de uma onda reacionária que traz em si matizes racistas, fascistas, misóginos e homofóbicos. Gostaríamos que você nos ajudasse a compreender: onde estava guardada tanta monstruosidade? Houve um ponto ou marco crucial para a detonação de uma circunstância como esta que vivemos hoje? O que você imagina ou espera como coda do atual estágio da humanidade?*

Andréia – São perguntas que eu mesma me faço todos os dias: o mundo piorou rapidamente ou eu é que estava dormindo? Creio que eu não estivesse dormindo, mas sim que o agravamento dos quadros

de intolerância, violência e ameaça à vida em geral tenham se tornado mais visíveis nos últimos anos, em diversos níveis, e espalhado por inúmeros pontos do globo, o que indica sim uma nova onda. Uma nova onda de pensamento e atitudes velhas, que muitos de nós, talvez ingenuamente, imaginávamos, ao menos em parte, superados.

Não sei de alguém que consiga explicar muito bem de onde vêm, volta e meia, no percurso da história humana, essas ondas, mas, em minha modesta, porque limitada, análise, nunca desprezei o aspecto ideológico (essa palavra cujo sentido a direita, no Brasil, vem tentando esvaziar). Se o capital é internacional, alguns aspectos da ideologia dominante também o são. Assim se dá que o mal rompa as fronteiras continentais, que ele vença as barreiras dos idiomas... O mal tem livre circulação no mercado.

Todos os dias, quando desperto, me vêm à lembrança, imediatamente: a ameaça de uma guerra nuclear, a situação política do Brasil e meu próprio envelhecimento, que se insinua. Não necessariamente nessa ordem, risos.

Não é fácil olhar para trás e ver que, há algum tempo, vínhamos pregando, por exemplo, a ideia da solidariedade em substituição ao conceito inadequado de tolerância... que nos alegrávamos em pensar a hospitalidade como um valor importante a reger as novas políticas de imigração entre os povos, para agora termos de retroceder ao apelo mais elementar de respeito à vida.

Fome, guerras, desrespeito aos direitos das minorias, ataques cruentos a etnias fragilizadas ao longo do processo de mundialização do capital, com o retorno de movimentos fundamentalistas, nazistas e de matizes neofascistas compõem o quadro que temos de enfrentar hoje, sem saber ao certo como.

Como resultado da sanha dominadora do império estadunidense, no Brasil, como vem ocorrendo em diversos outros países da América Latina, a frágil democracia pela qual tanto se lutou, de um golpe foi lançada na lata do lixo, da maneira mais inescrupulosa e cínica, por uma casta política representante das elites e do mercado, que em 2016 tomou de assalto o poder, depois de ter sido rechaçada nas urnas por quatro eleições consecutivas, em que o povo, por meio do voto direto, escolheu o Partido dos Trabalhadores para representá-lo. Enfim, imaginar-me saindo do mundo e deixando às novas gerações tão duro legado entristece e angustia, mas todos os dias é preciso seguir fazendo, seguir falando, escrevendo, lutando.